



## Tecendo a luta: Experiência de educação popular e formação política com *Arpilleras* no Acampamento Marielle Vive do MST/SP

**Palavras-Chave:** *Arpilleras*; MST; Educação popular; Formação política .

**Autoras:**

**Marília Fonseca Del Passo, FE/Unicamp**

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Fabiana de Cássia Rodrigues**

**FE/Unicamp**

### INTRODUÇÃO:

Este trabalho apresenta uma síntese do processo da pesquisa de iniciação científica, com vigência de setembro de 2022 a agosto de 2023, que teve como objetivo analisar a primeira experiência com *arpilleras* realizada por mulheres do Acampamento Marielle Vive do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) em Valinhos, interior de São Paulo, que propôs-se a pensar os desdobramentos acerca da conjuntura política que surgem na expressão artística coletiva das mulheres dialogando com práticas de educação popular, política e de cuidados do MST e, com as experiências de *arpilleras* na América Latina através de uma pesquisa qualitativa com revisão bibliográfica, análise documental, entrevistas e, análise do processo e resultados.

O movimento inicial da pesquisa partiu de uma revisão bibliográfica com textos em português através das plataformas digitais do Sistema de Bibliotecas da Unicamp (SBU), Scielo e Google acadêmico, na qual foram utilizadas as palavras-chaves: *arpilleras*, Brasil, América Latina, mulheres, educação popular e formação política, através da qual foram encontrados 136 trabalhos e selecionados 31 para possível leitura e fichamentos para posterior colaboração na análise. Nesse primeiro momento foram feitos fichamentos das obras QUEIROZ (1991), FRESQUET e JUNIOR (2021), ERTZOGUE (2018), SILVA et al. (2017), FERNANDES et al. (2020), PEREIRA (2022), CORBO et al. (Org, 2020) que colaboraram com a estruturação dos roteiros para os diálogos das entrevistas. Além das reuniões periódicas com a professora orientadora e do levantamento documental, imagens (fotos) e acesso às *arpilleras* e cartas produzidas pelas mulheres e, escrita no caderno de campo inspirado na leitura de Queiroz (1991) e orientação da professora. E também a construção coletiva da exposição “*Arpilleras: Tecendo Liberdade*” na qual estão inseridas as *arpilleras* do ciclo estudado por essa pesquisa.

Em um segundo momento foram realizadas e transcritas as entrevistas, que estão divididas em 2 partes no projeto, a primeira para entender sobre a prática das *arpilleras* na Rede de Combate à Violência Doméstica do MST/SP, e, a segunda parte com as participantes do ciclo que são integrantes do território - ao todo foram realizados 5 diálogos com 6 mulheres - Camila, psicóloga da Rede de Saúde Mental da Rede de Combate à Violência Doméstica do MST/SP e facilitadora dos ciclos de *arpilleras*; Paula, dirigente do setor estadual de gênero do MST/SP e; Clea, Clarice, Dona Nenê e Neide, mulheres Sem Terra, militantes no Acampamento Marielle Vive e *arpilleristas* que participaram do ciclo estudado nesta pesquisa.

Além da participação em grupo de estudo sobre Paulo Freire e Pedagogia Sem Terra com a leitura de capítulos dos livros Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire e Pedagogia do Movimento Sem Terra de Roseli Salette Caldart que colaboraram para análise no terceiro momento da pesquisa e, também a continuidade das articulações da exposição “*Arpilleras: Tecendo Liberdade*”.

A terceira e última fase consistiu na análise dos registros feitos durante o 3º ciclo de *Arpilleras* Aline Maria e das entrevistas em relação com continuidade de leituras e fichamentos da revisão bibliográfica e autores como QUEIROZ, FREIRE e CALDART, do Caderno de formação de Gênero “A conspiração dos gêneros, elementos para o trabalho de base” nº6 de 2018 do MST e, busca de conteúdos sobre história do MST e do Acampamento Marielle Vive.

## **METODOLOGIA:**

A pesquisa teve caráter qualitativo envolvendo revisão bibliográfica, análise dos trabalhos artísticos, realização de entrevistas semiestruturadas e levantamento documental.

A metodologia de realização e transcrição das entrevistas tiveram como referência o trabalho de Maria Isaura Queiroz (1991) que se orientaram pela própria práxis da pesquisadora com a realidade.

Para captar eficazmente a vivência do ciclo, sendo que a finalidade foi recolher e registrar a história e desdobramentos do processo das *arpilleras* com as mulheres, a técnica escolhida foi a entrevista semi-orientada com gravação seguida da transcrição e análise em diálogo com leituras já mencionadas e presentes na posterior análise e discussão deste trabalho.

Para tanto o trabalho foi realizado em 3 momentos com as seguintes partes:

1. Revisão bibliográfica sobre *Arpilleras* na América Latina e nas práticas educativas do MST e estruturação dos roteiro de entrevista (1 momento e durante todo processo);
2. Entrevistas e transcrição sobre a prática de *arpilleras* através da Rede de Combate à violência Doméstica do MST/SP (2º momento);
3. Realização de entrevistas e transcrição com participantes do 3º ciclo de *Arpilleras* Aline Maria e, com facilitadoras da RCVD (2º momento);
4. Análise dos registros feitos no 3º ciclo de *Arpilleras* Aline Maria (3º momento);
5. Análise do processo e resultados (3º momento).



Figura 1: Encontro híbrido das mulheres durante o ciclo

## RESULTADOS E DISCUSSÃO:

O presente trabalho teve como objetivo estudar a experiência do 3º ciclo das *arpilleras* no acampamento Marielle Vive em seus aspectos de formação política acerca das questões vividas que surgem por mulheres do acampamento por meio do trabalho artístico de bordado com retalhos, trazendo como eixo a abordagem das seguintes questões: como as tensões vividas por mulheres Sem Terra na luta pela terra, pela Reforma Agrária Popular aparecem em expressões artísticas coletivas? Como esses processos contribuem na formação política, diálogo com a sociedade e cuidados com as mulheres participantes?

Trazendo em objetivos específicos uma revisão bibliográfica sobre as *arpilleras* na América Latina, analisando a maneira como a experiência das *arpilleras* tornou-se prática de formação política no MST através da Rede de Combate à Violência Doméstica no estado de São Paulo, trazendo elementos de imagens e escritos que registram as *arpilleras* produzidas no 3º ciclo, assim como a maneira e as razões pelas quais a questão da água – central na manutenção da existência das pessoas do acampamento – apareceu como temática em parte das *arpilleras* e, também elementos sobre a relação entre a pauta política do acampamento vinculada à luta pela terra e pela água e sua expressão artística nos bordados das mulheres.



Figura 2:

*Mulheres tecendo no território*

Outros elementos centrais surgiram durante todo o processo de realização da pesquisa, temáticas sobre memória, feminismo, práticas relacionadas ao SUS, SUAS e CAPS, educação popular, trabalho de base e formação política no MST, histórias de vida, análise da sociedade de classes, lugar da mulher na sociedade, divisão sexual do trabalho, entre outros.

Busquei, então, em diálogo com os objetivos centrais e específicos do projeto abordar e analisar alguns pontos referenciados a autora/es já citados, material de formação do setor de gênero do MST e as entrevistas, buscando trabalhar alguns desses elementos que surgiram junto das análises dos objetivos específicos. Entendendo que essa pesquisa dará conta de algumas reflexões e não de todos os elementos com dimensão ampla e potente que surgiram pelas leituras e entrevistas, assim como é a construção do MST em seu Projeto Popular para o Brasil. Ficarão, então, para possibilidades de aprofundamento em outros trabalhos, construções e escritas, como no meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Para tanto, realizarei a seguir a análise e discussão tendo como organização a seguinte construção: resgate histórico das *arpilleras* na América Latina, breve história de vida das entrevistadas, a Rede de Combate à Violência Doméstica (RCVD) do MST/SP, a Rede de Saúde mental da RCVD, as *arpilleras* na Rede e seus ciclos, história do Acampamento Marielle Vive de Valinhos/SP, questão dos direitos humanos e acesso à água no acampamento

vinculados à luta pela terra, pela Reforma Agrária Popular em diálogo com temas da educação popular, formação política, feminismo e linhas políticas do MST buscando refletir e dialogar com perguntas levantadas nos objetivos da pesquisa sem colocar um fim, mas abrindo caminhos aos que virão, contribuindo para o anúncio e denunciamento de violências vividas pelas mulheres Sem Terra e trazendo as potências criadas pelas mesmas e pelas ancestrais no fortalecimento de saídas coletivas, somando para construção histórica de dar voz às oprimidas pelo sistema, valorizando a cultura popular e a voz, a luta que emana do povo por transformação das relações humanas e com a natureza.

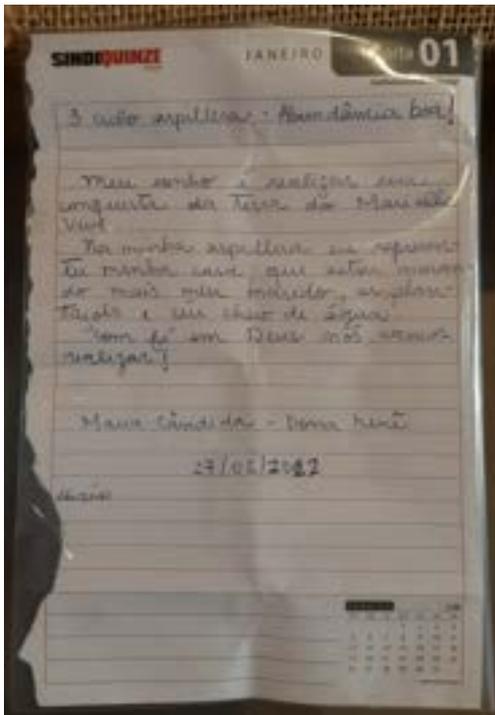


Figura 3: Cartinha produzida em uma das arpilleras tecidas



Figura 4: Arpillera

tecida

## CONCLUSÕES:

O desenvolvimento da pesquisa permitiu que eu pensasse e refletisse de maneira mais crítica sobre o processo de construção das *arpilleras*, sua história e surgimento, expansão para vários países do mundo como: Zimbábue, Senegal, Colômbia, Peru, Catalunha, Irlanda do Norte e Índia (Ertzogue, 2018), sua atualidade e presença no Brasil aliada a movimentos de subversão e resistência popular em sua maioria se mantém como criação, saúde, memória, formação política e educação popular das mulheres da classe trabalhadora que vivem dia a dia violações e violências impostas pelo sistema capitalista. O entendimento e aprofundamento da revisão bibliográfica me permitiu entender alguns assuntos melhor situados historicamente e, pensar também, a atualidade dessa construção em diálogo com o feminismo e movimentos populares, entendendo as *arpilleras* como subversão à lógica da mulher doce e do lar, que borda e costura passivamente, torna-se a bordar denúncias, escrever sua própria história, ter uma frente de luta através da materialização das denúncias pelos bordados indo da solidão do lar aos encontros coletivos de trocas e fortalecimentos.

Já o contato com a construção da Rede de Combate à Violência Doméstica do MST/SP permitiu mergulhar mais profundamente nos detalhes das problemáticas sociais vividas e no cotidiano da construção, das pautas do setor de gênero do MST, da vida das mulheres Sem Terra intrinsecamente relacionadas à luta pela Reforma Agrária Popular e as angústias individuais e coletivas.

As pautas relativas às violações dos direitos humanos, como a luta pelo acesso à água pelas famílias do território escancararam as contradições e explorações do sistema em projeto negacionista anticonstitucional baseada em um discurso midiático contraditório, no qual criminaliza os movimentos sociais que lutam constitucionalmente e respaldam crimes cometidos pelos poderes públicos e grandes empresas, como a negação do acesso à água pela prefeitura de Valinhos/SP além das outras violações de direitos humanos que as famílias passaram e, como o movimento das *arpilleras* é saída coletiva de anúncio dessa história e tensões vividas para diálogo com a sociedade e elaboração do sofrimento da comunidade.

O aprofundamento em como realizar uma pesquisa na construção conjunta com a orientadora foi de suma importância para meu desempenho na faculdade e vida acadêmica.

---

## BIBLIOGRAFIA

- CALDART, R. *Pedagogia do Movimento Sem Terra*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.
- CORBO Anamaria, ROSSATO Alexania, NESPOLI Grasielle (Org.). *Educação popular, direitos e participação social: bordando a saúde das mulheres atingidas por barragens* - Rio de Janeiro: EPSJV, 2020.
- ERTZOGUE Marina Haizenreder. Quando o bordado e a memória se entrelaçam: imagem e oralidade em arpilleras amazônicas. *Hist. R.*, Goiânia, v. 23, n. 3, p. 104-120, set./dez. 2018.
- FERNANDES Beatriz Rodrigues, ESMERALDO Gema Galgani Silveira Leite, ALVES Marina Calixto. Arpilleras: socializando as artes-políticas que retratam denúncias das mulheres atingidas por barragens em territórios nordestinos. *O Público e o Privado* no 35 jan/abr 2020.
- FRESQUET Adriana, JUNIOR Wilson Cardoso. Violeta Parra e suas arpilleras decoloniais. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, Salvador, v. 06, n. 18, p. 449-469, maio/ago. 2021.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.
- PEREIRA Aline Alessandra Zimmer da Paz. Arpilleras e as práticas artísticas contra-hegemônicas. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 15, 2021, virtual. *Atas do XV Encontro de História da Arte*. Campinas: IFCH/UNICAMP, n. 15, 2022.
- QUEIROZ Maria Isaura Pereira. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva / Maria Isaura Pereira de Queiroz*. - São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.
- SILVA Márcia Alves, CORRÊA Eliane Godinho, NEGRETTO Carla. Pedagogia feminista na perspectiva da educação popular com mulheres assentadas do MST. *Rev. Teoria e Prática da Educação*, v. 20, n.3, p. 105-116, Setembro/Dezembro 2017.
- VIA CAMPESINA. [Site oficial]. [Harare], 2021. Disponível em: <https://viacampesina.org/en/wp-content/uploads/sites/2/2018/03/List-of-members.pdf>. Acesso em: 02 de março de 2023.